

A monotonização do mundo. A impressão espiritual mais forte de todas as viagens nos últimos anos, apesar de todas as alegrias individuais: um leve horror perante a monotonização do mundo. Tudo se torna mais uniforme nas formas exteriores da vida, tudo se nivela segundo um esquema cultural homogéneo. Os costumes individuais dos povos vão-se desgastando, os trajes tornam-se uniformes, os hábitos tornam-se internacionais. Os países parecem cada vez mais impelidos uns contra os outros, as pessoas atuam e vivem segundo um modelo comum, as cidades tornam-se ca-

da vez mais semelhantes entre si. Paris está bastante americanizada, Viena está budapetizada: o aroma subtil do que é único nas culturas evapora-se cada vez mais, as cores esbatem-se rapidamente, e por baixo da camada de verniz estalada revela-se o pistão metálico da operação mecânica, a moderna máquina do mundo.

Este processo já decorre há muito tempo: já antes da guerra, Rathenau profetizara esta mecanização da existência, a preponderância da técnica como o fenómeno mais importante da nossa época, mas nunca esta queda na uniformidade das formas exteriores da vida foi tão rápida, tão caprichosa como nos últimos anos. Tenhamos plena consciência disto: é provavelmente o fenómeno mais urgente e decisivo do nosso tempo.

*Sintomas:* Para ilustrar o problema, poder-se-iam enumerar centenas de exemplos. Escolho apenas alguns dos mais comuns, conheci-

dos de todos, para mostrar até que ponto os costumes e hábitos se tornaram monótonos e estéreis na última década.

O mais evidente: a dança. Há duas ou três décadas, ainda estava ligada às nações e à inclinação pessoal de cada indivíduo. Dançava-se valsa em Viena, czardas na Hungria, bolero em Espanha, segundo ritmos e melodias inumeráveis, nos quais se exprimiam o génio de um artista e o espírito de uma nação. Hoje, milhões de pessoas, da Cidade do Cabo a Estocolmo, de Buenos Aires a Calcutá, dançam a mesma dança, ao som das mesmas cinco ou seis melodias curtas e impessoais. Começam à mesma hora: tal como os muezins nos países orientais chamam milhares à oração ao pôr do sol, também agora vinte compassos convocam toda a humanidade ocidental para o mesmo rito, às cinco da tarde. Nunca antes, exceto em certas fórmulas da Igreja, duzentos milhões de pessoas se expressaram de forma tão simultânea e uniforme

como a raça branca da América, da Europa e das suas colónias com a dança moderna.

Um segundo exemplo: a moda. Nunca antes houve tamanha uniformidade em todos os países como na nossa época. Antigamente, uma moda levava anos a sair de Paris para chegar a outras cidades, e mais anos para alcançar o campo; existia uma barreira cultural que resistia às suas exigências tirânicas. Hoje, a sua ditadura torna-se universal num piscar de olhos. Nova Iorque dita os cabelos curtos das mulheres: em menos de um mês, caem, como ceifadas por uma única foice, cinquenta ou cem milhões de cabeleiras femininas. Nenhum imperador, nenhum cã da história teve semelhante poder, nenhum mandamento espiritual conheceu tamanha velocidade. O cristianismo e o socialismo precisaram de séculos ou décadas para conquistar seguidores e difundir os seus preceitos; um modista parisiense escraviza hoje milhões em oito dias.

Um terceiro exemplo: o cinema. Novamente, uma simultaneidade imensa atravessa países e línguas, forma-se um gosto (ou mau gosto) comum para massas de milhares de milhões. Desaparece completamente qualquer nota individual, embora os produtores proclamem triunfalmente os seus filmes como «nacionais»: os nibelungos fazem sucesso em Itália, Max Linder encanta até os mais germânicos distritos eleitorais. Também aqui o instinto da massificação é mais forte do que o pensamento. O triunfo de Jackie Coogan marcou mais esta época do que a morte de Tolstói há vinte anos.

Um quarto exemplo: a rádio. Todas estas invenções têm um só objetivo: a simultaneidade. O londrino, o parisiense e o vienense ouvem exatamente o mesmo som no mesmo segundo, e esta simultaneidade, esta uniformidade embriaga pelo seu gigantismo. É uma intoxicação, um estímulo para as massas — e, ao mesmo